

HUM@NÆ

Questões controversas do mundo contemporâneo

n. 18, n. 2

MÃOS SAGRADAS: percepções de parteiras tradicionais acerca da vivência do parto sob a ótica da espiritualidade

João Victor da Silva RODRIGUES¹

Lilian Silva Sampaio de BARROS²

Juliana Vaz da Costa COELHO³

Clarissa MARQUES⁴

Resumo

O parto é um assunto que transita entre mundos diversos, faz parte da própria história da humanidade. Durante anos a assistência à parturiente ficava a cargo das parteiras, mulheres que eram responsáveis pela assistência ao parto, bem como cuidados com o puerpério e recém-nascido. A espiritualidade pode fornecer apoio ou impacto na tomada de decisão durante a gravidez contínua, no entanto, se evidenciam problemas para a prestação de cuidados por profissionais da área de saúde, tendo em vista atender a dimensão espiritual dos pacientes. Nosso objetivo é identificar se as parteiras tradicionais utilizam práticas da espiritualidade durante o parto domiciliar na perspectiva do cuidado integral. Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado na Associação de Parteiras de Caruaru-PE, no período de Fevereiro de 2023. A amostra foi constituída por Parteiras Tradicionais com experiências na assistência ao parto domiciliar. Os dados foram coletados por meio de entrevista através de um roteiro de entrevista adaptado por meio de Grupos Focais. Em seus relatos, as Parteiras demonstram grande influência da fé e da espiritualidade em suas assistências, como o uso da oração, de objetos sagrados, da ligação com um ser superior e o uso de ervas,

¹ João Victor Rodrigues – Enfermeiro, Especialista em Obstetrícia; Mestrando do PPGSDS/UPE, membro do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade (GEPT/UPE/CNPq). E-mail: victorodrigues.ifpe@gmail.com

² Lilian Sampaio – Enfermeira, Especialista em Saúde da mulher; Coordenadora do Programa de Residência em Enfermagem Obstétrica – ESPPE. E-mail: lssampaio Barros@hotmail.com.

³ Juliana Coelho – Psicóloga, Mestra em Psicologia Prática e inovação em Saúde Mental – UPE. E-mail: juliana_coelho_ferraz@hotmail.com.

⁴ Clarissa Marques – Professora da Universidade de Pernambuco (UPE), Professora do PPGSDS/UPE e do PPGD-ARIC-FADIC, Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisas Transdisciplinares sobre Meio Ambiente, Diversidade e Sociedade (GEPT/UPE/CNPq) e do Coletivo Direitos em Movimento (DIMO/UPE), Coordenadora do Programa TransVERgente (UPE). E-mail: clarissa.marques@upe.br.

chás e elementos da natureza, que segundo as mesmas possuem sucesso quando usadas no momento do parto, o que corrobora com estudos da área que colocam a religiosidade/espiritualidade como importante ferramenta de apoio em momentos de grande impacto como no nascimento, o que requer mais estudos por parte dos profissionais de saúde.

Palavras chave: Humanização; Assistência ao parto; Parteiras Tradicionais; Espiritualidade em saúde.

Abstract

Childbirth is a subject that moves between different worlds, it is part of the history of humanity itself. For years, assistance to women in labor was the responsibility of midwives, women who were responsible for childbirth care, as well as postpartum and newborn care. Spirituality can provide support or impact on decision-making during ongoing pregnancy, however, problems are evident in the provision of care by health professionals, with a view to meeting the spiritual dimension of patients. To identify whether traditional midwives use spirituality practices during home births from the perspective of comprehensive care. This is a descriptive study, with a qualitative approach, carried out at the Association of Midwives of Caruaru-PE, in February 2023. The sample consisted of Traditional Midwives with experience in assisting home births. Data were collected through interviews using an interview guide adapted through Focus Groups. **RESULTS:** In their reports, the Midwives demonstrate a great influence of faith and spirituality in their care, such as the use of prayer, sacred objects, the connection with a superior being and the use of herbs, teas and elements of nature, which according to them are successful when used at the time of birth, which corroborates studies in the area that place religiosity/spirituality as an important support tool in moments of great impact such as birth, which requires further studies by health professionals.

Keywords: Humanization; Birth assistance; Traditional Midwives; Spirituality in health.

INTRODUÇÃO

O parto é um assunto que transita entre mundos diversos, faz parte da própria história da humanidade e esteve sempre presente junto à reprodução e gestação dos seres vivos. Dessa forma, foi sendo influenciado por diversas mudanças a partir dos costumes, da economia e da sociedade de uma forma em geral e conseqüentemente, o tipo de assistência oferecida às mulheres na atualidade também têm se modificado ao longo do tempo.

Durante anos a assistência à parturiente ficava a cargo das parteiras, mulheres que eram responsáveis pela assistência ao parto, bem como cuidados com o puerpério e com o recém-nascido. A espiritualidade pode fornecer apoio ou impacto na tomada de decisão

durante a gravidez contínua, no entanto, se evidenciam problemas para a prestação de cuidados por profissionais da área de saúde, tendo em vista atender a dimensão espiritual dos pacientes.

Nesse sentido, a pesquisa tem como objetivo identificar se as parteiras tradicionais utilizam práticas da espiritualidade durante o parto domiciliar na perspectiva do cuidado integral. Quanto ao método, trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa, realizado na Associação de Parteiras de Caruaru-PE, no período de fevereiro de 2023. A amostra foi constituída por Parteiras Tradicionais com experiências na assistência ao parto domiciliar. Os dados foram coletados por meio de entrevista através de um roteiro de entrevista adaptado por meio de Grupos Focais.

No que diz respeito aos resultados, em seus relatos, as Parteiras demonstram grande influência da fé e da espiritualidade em suas assistências, como o uso da oração, de objetos sagrados, da ligação com um ser superior e o uso de ervas, chás e elementos da natureza, que segundo as mesmas possuem sucesso quando usadas no momento do parto, o que corrobora com estudos da área que colocam a religiosidade/espiritualidade como importante ferramenta de apoio em momentos de grande impacto como é o caso do nascimento, o que requer mais estudos por parte dos profissionais de saúde.

“EU INICIEI FOI NA MINHA INFÂNCIA, EU TINHA 09 ANOS”:

PARTEIRAS TRADICIONAIS E ESPIRITUALIDADE

Durante séculos o parto foi um evento pertencente ao ambiente doméstico, íntimo e composto por mulheres e a assistência deste ficava a cargo das parteiras. Estas, além da atenção ao parto, na maioria das vezes cuidavam também da saúde da mulher, do pré-natal e puerpério, das doenças femininas, forneciam aconselhamentos e orientações quanto à fertilidade, assim como sobre os cuidados com o recém-nascido (Palharini; Figueirôa, 2018). As parteiras tradicionais têm papel essencial na saúde reprodutiva das mulheres. Diferenciam-se de outras profissionais de assistência ao parto porque são detentoras de conhecimentos tradicionais sobre os corpos, fazem os trabalhos de assistência ao parto em processos que envolvem solidariedade, dom, parentesco, compadrio, afeto e responsabilidade (Oliveira *et al*; 2019).

Na metade do século XX o parto foi institucionalizado passando a ocorrer em ambiente hospitalar com a adoção de práticas rotineiras e baseadas em protocolos, como o uso de tecnologias que podem ser potencialmente prejudiciais para o binômio mãe-bebê, além do aumento significativo no número de cesarianas em mulheres com gestação de risco

habitual. Assim, foi inserido no modelo de saúde baseado em doenças com necessidade de acompanhamento médico, ficando restrito à dimensão puramente biológica da mulher, negligenciando outras esferas de sua vida, como a exemplo a espiritual (Lima *et al*; 2021).

Técnicas como o uso do fórceps, ajudaram a dar sustentação à presença masculina nesse contexto e à mudança do local da chegada da vida e do nascer, ampliando o afastamento das mulheres, que estavam majoritariamente envolvidas na cena do parto. Em um campo de força, no tocante à linha hegemônica do saber médico, a mulher seguiu perdendo o protagonismo no processo parturitivo, a interação afetiva e as decisões sobre o seu corpo.

A dimensão espiritual faz parte do cotidiano das mulheres parteiras e tem relação com sua prática (Barros, 2019). Orações, técnicas de imposição de mãos, benzimentos, técnicas que incluem os saberes relacionados ao uso de plantas medicinais para impulsionar a dor de parto ou para fazer cessarem outras dores, manipulação do corpo do bebê no ventre, posições e recomendações de consciência corporal durante o parto para um bom desfecho fazem parte do repertório de saberes das parteiras (Oliveira et al.; 2019). Mesmo diante da importância da espiritualidade na saúde, percebe-se a escassez de estudos com a abordagem dessa temática, sobretudo, quando se trata da investigação dessa dimensão espiritual na assistência das parteiras. A espiritualidade surge como um achado secundário de investigação, e não como uma resposta desvelada como dado principal, em resposta à questão norteadora da pesquisa.

Portanto, essa pesquisa se propôs a (1) identificar se as Parteiras Tradicionais utilizam práticas ligadas à espiritualidade durante o parto domiciliar na perspectiva do cuidado integral, (2) descrever o perfil das parteiras tradicionais, (3) descrever as histórias das parteiras e suas aproximações com a espiritualidade no parto. Espera-se com este trabalho, fortalecer a produção científica na temática da espiritualidade em saúde, tema pouco discutido na literatura científica e instrumentalizar profissionais e estudiosos da área.

METODOLOGIA

Trata-se de um estudo descritivo, com abordagem qualitativa. O estudo descritivo determina as características e comportamento da população, além de identificar uma correlação entre as variáveis existentes (Gil, 2010; Minayo, 2010).

Buscando obter uma aproximação com pesquisas desenvolvidas a partir de métodos ativos com a participação, o diálogo, a escuta e a reflexão dos participantes, e ao mesmo tempo com formato dinâmico, esse estudo se baseou no conceito da pesquisa-ação. Visou

desenvolver um processo de produção colaborativa de saberes, possibilitando o enfrentamento de dilemas atuais socioambientais e de saúde, contribuindo para a tomada de decisões compartilhadas e afastando-se de metodologias tradicionais de pesquisa onde seus resultados raramente são percebidos e utilizados na vida cotidiana (Thiollend, 1986, p. 22).

O presente estudo foi desenvolvido no Município de Caruaru, Agreste de Pernambuco, no período de fevereiro de 2023, com parteiras tradicionais da Associação de Parteiras de Caruaru. A Associação surgiu a partir do estímulo vindo de uma Organização Não Governamental (ONG), para a estruturação e formação quanto grupo associado de parteiras tradicionais de Caruaru e de outros Municípios do Agreste pernambucano. O grupo realizou a busca de parteiras, reunindo-as e auxiliando-as na formação de uma associação para se organizarem enquanto categoria e buscarem a articulação com os gestores públicos, além do reconhecimento da ocupação (Müller; Morim, 2017).

A amostra do estudo foi constituída de maneira intencional por 04 Parteiras Tradicionais da Associação de Parteiras de Caruaru que aceitaram participar do estudo. A técnica utilizada para coleta dos dados se deu através do Grupo Focal (GF). Essa técnica é muito utilizada em pesquisas científicas e em intervenções sociais, educativas, terapêuticas e motivacionais. É uma ferramenta de pesquisa que coleta dados através da interação do grupo acerca de um tópico proposto por um pesquisador (moderador, facilitador). Desta forma é tido como um procedimento que reconhece o papel do moderador em estimular o grupo a nortear os dados que provêm da interação gerada pela discussão (Souza, 2020).

A primeira etapa contou com o convite às Parteiras da associação para um encontro e para participação na pesquisa, com a apresentação dos objetivos do trabalho, resultados que os pesquisadores estavam esperando com o encontro e o roteiro de como se daria a oficina para coleta de dados. Após o aceite das mesmas, seguiu-se com a assinatura dos termos de Livre Consentimento Esclarecido (TCLE) e Autorização de uso de imagem e som.

A segunda etapa correspondeu a oficina propriamente dita, realizada na sede da Associação de Parteiras de Caruaru, realizada durante a tarde do dia 02 de fevereiro de 2023 e desenvolvida com a seguinte organização:

- Dinâmica de interação entre as parteiras e confecção de crachás de identificação;
- Roda de conversa com perguntas, desenvolvimento de cartões, de cartazes e desenhos;
- Dinâmica de finalização.

Os materiais produzidos na oficina foram confeccionados pelas próprias parteiras tradicionais, sendo delas as interpretações, as explicações e os comentários acerca do que foi realizado, não cabendo ao pesquisador o papel de interpretações psicológicas dos materiais e sim, uma análise mediante as explicações das participantes.

Este estudo foi submetido à Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP) e avaliado pelo Comitê de Pesquisa da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) de acordo com a resolução Nº 466/2012 do Conselho Nacional de Saúde (CNS) sobre pesquisa com Seres Humanos e o parecer positivo sob o Número 5.839.296. Só depois de sua aprovação foi iniciada a coleta de dados. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), e o Termo de Autorização do uso de imagem e som, concordando em participar do estudo.

“VOCÊ NÃO ESCOLHE SER PARTEIRA, É UMA COISA QUE VOCÊ FOI ESCOLHIDA”: O SAGRADO COMO INSTRUMENTO DE SAÚDE

O Grupo Focal para coleta de dados ocorreu em dia estabelecido a partir da disponibilidade da agenda das parteiras. O estudo contou com um total de 04 Parteiras que aceitaram participar da oficina após a apresentação da proposta. Do total de participantes, todas atualmente residem no município de Caruaru-PE.

De acordo com o planejamento, iniciamos a oficina com uma dinâmica para confecção dos crachás de identificação a fim de garantir o anonimato das participantes da pesquisa. Neste momento foi distribuído para cada Parteira um crachá de papel em branco junto com canetas e lápis de colorir, e solicitado a cada uma que registrasse em forma de desenho, algo que representasse a sua fé. A partir dos desenhos apresentados e após a justificativa de cada Parteira, foram elencados os seguintes nomes para cada participante precedidos pelo título de tratamento “Dona”: Dona Lua, Dona Sol, Dona Coração e Dona Flor, as justificativas para as escolhas dos desenhos estão evidenciadas nos discursos a seguir:

Dona Lua: Aqui eu desenhei a lua, porque o meu signo ele é regido pela lua e eu sinto uma atração muito forte pela lua, eu amo a lua, aqui também a minha fé representa a natureza [...]

Dona Sol: [...] o sol durante o dia tem a luz, então assim, é feito minha fé, tem dias que está irradiando, ela está mais viva, está mais forte, mais aquecida, mas mesmo quando eu estou no meu momento de noite, de escuro, mas ela está ali também me aquecendo, então para mim minha fé é meu sol.

Dona Coração: Eu desenhei um coração, que eu sou muito emoção e assim, a minha fé vem muito do meu coração, eu sinto quando eu vou ajudar as pessoas e vou muito pelo meu coração, pela minha emoção e sempre peço a Deus, meu coração avisa primeiro entendeu?

Dona Flor: O desenho é a representação da fé que a gente tem em Deus [...] em saber que se Deus faz uma flor tão linda o que ele não faz na vida do ser humano cada dia né? [...].

A partir do seguimento dos demais momentos da oficina, seguiu-se com a formação de códigos e criação de três categorias temáticas que serão apresentadas a seguir.

(Categoria 1) - Em seus discursos, as parteiras relembram o início de suas atividades no início do partear, enquanto ainda muito jovens, e evidenciam os momentos que as levaram as primeiras assistências, em situações de imprevisto onde não existiu um preparo antes de ocorrida a necessidade:

Dona Lua: Eu iniciei foi na minha infância, eu tinha 09 anos!

Dona Sol: [...] bom, meu primeiro parto foi com 12 anos, é, não sei como foi, eu sei que eu fiz né?

Dona Lua: Eu franzina, 9 anos, não tinha como eu suspender a mulher, de fazer nenhuma inteligência assim como ela sabia, aí ela disse: “você vai ficar aí de frente e eu vou lhe orientando”.

Dona Sol: [...] mamãe não estava em casa e essa senhora desceu para parir já em trabalho de parto, chegando em casa aí meu pai disse, não, ela não tá, mas eu vou lhe levar para a maternidade, só que não deu tempo, quando meu pai foi buscar o carro que voltou eu já tinha feito o parto da mulher.

(Categoria 2) - Ressalta-se a importância do aprendizado do ofício do ser Parteira, sempre passado de mulheres mais velhas para outras mulheres jovens, o que nos remete a uma ideia de passagem de saberes dentro de uma rede, como destacado nas falas abaixo:

Dona Lua: [...] e ela ali disse umas palavras, segurou em minhas mãos e disse: “Eu tô passando isso para você”, então ali eu me tornei outra pessoa, ali chegou aquela força, e aquela orientação ali foi passando e eu fui sentindo assim um filme passando na minha cabeça, e ali eu já tomei gosto.

Dona Flor: [...] ela me botava na frente da paciente e ela ficava mais afastada só dando o comando e eu agindo ali na hora e graças a Deus eu aprendi a fazer parto, foi tão assim, tão incrível.

Dona Sol: [...] Você não escolhe ser parteira, é uma coisa que você foi escolhida, e eu acho uma coisa muito maravilhosa, eu vi que eu fui muito privilegiada porque eu aprendi com 55 parteiras, eu tenho na minha formação.

(Categoria 3) - Como embasamento para que fosse discutida a presente categoria temática, foi solicitado às participantes que falassem de acordo com suas opiniões, sobre “qual a ligação do parto/nascimento com o espiritual/Deus/sagrado/poder superior/astral superior”. A partir dessa indagação e das respostas das parteiras, foram construídas pelo pesquisador tarjetas com as frases de impacto, e a relação com as frases estão descritas a seguir:

“Quando vai dar errado não tem sintonia”

“Força sobrenatural”

“Elevar o pensamento” “Antes de
fazer, orar” “Guiadas por Deus”

“A gente sente quando é para colocar as mãos”

“Intuição”

“Alguém nos enviou e está presente”

“Parteira se conecta e sente”

Diante das tarjetas produzidas pode-se perceber que em seus discursos as Parteiras demonstram uma crença em algo ou alguém ilustrado nas falas como Deus, intuição, alguém ou força sobrenatural que está acima de todos e exerce grande influência para o sucesso de um parto, e da mesma forma interfere quando há a possibilidade de que algo não ocorra como o esperado:

Dona Sol: [...] começa vir como se fossem ideias que não são ideias, você sente mesmo como se você estivesse sendo guiado para fazer daquela forma, daquele jeito.

Dona Coração: [...] é assim, uma conexão muito forte com Deus que ele avisa: “Aí não, aí sim!”.

Dona Flor: [...] a gente tem que orar pedir permissão ao senhor porque só ele é que dá a direção a cada um de nós, e vem aquela vontade, aquela força da gente agir com aquela pessoa [...]

Nota-se também nas falas das participantes o uso de objetos relacionados ao sagrado, uso de ervas e da oração como forma de benção para as suas mãos, responsáveis por toda a condução da assistência ao parto:

Dona Lua: [...] ela tinha um tipo de escapulário que hoje chama outro nome, que eu também tenho um, e ela colocava uma oração dentro, e ela colocava no pescoço da mulher, e ali ela ficava fazendo sua inteligência[.]

Dona Coração: Eu sempre oro quando eu vou fazer algum parto, eu sempre entrego as minhas mãos a Deus e eu sempre oro: “senhor, abençoa minhas mãos, abençoa o momento para que dê tudo certo [...]”.

Dona Sol: [...] a gente parteira tradicional, a gente trabalha muito com plantas com chás, com ervas [...].

Outro fator de importante destaque em suas falas é a sensibilidade das mesmas em entender a crença religiosa da parturiente a fim de que seja levada em consideração no momento da assistência, como ferramenta para uma melhor condução do momento do parto, o que demonstra que a fé pode ser um importante fator no processo saúde-doença no cotidiano das pessoas:

Dona Sol: Eu tento conversar com ela para eu saber, para ver qual a religião dela, para eu de momento nenhum eu interferir e nem ferir a religião dela, eu tenho esse cuidado [...]

Dona Flor: [...] sempre elas diziam: “Reze por mim!”, e eu dizia vou fazer uma oração agora e começava a orar com elas e elas ali iam cedendo assim mais tranquilas daquele pavor que ela tava e tudo e chegava o momento de fazer o parto da criança e eu fazia [...].

Dona Sol: [...] eu tento puxar dela como foi para eu poder trazer no momento a fé dela também, entendeu? eu costumo dizer assim ah, vamos supor, ah você é católica, qual o santo que você mais gosta, que você é devota [...].

Destaca-se também nos discursos das Parteiras a difícil relação com o profissional médico através da imposição do saber científico sobre o saber tradicional e a necessidade de qualificação profissional a nível técnico científico:

Dona Lua: [...] as parteiras eram perseguidas, chamavam de curiosa, e não era para as parteiras fazerem partos, que as parteiras não sabiam, que as parteiras eram ignorantes, então era isso como a parteira era tratada.

Dona Lua: [...] as mulheres chamavam as parteiras para dentro de casa e queriam as mulheres, e os médicos, eles tinham inveja, era um tipo de inveja [...].

Dona Sol: [...] ela foi para a sala de parto de alguns hospitais como parteira e depois não podia mais exercer como parteira, então ela teve que fazer primeiro o curso de atendente, depois foi de auxiliar.

Apesar das tentativas de retirar a Parteira da cena do parto, as mesmas demonstram o orgulho em exercer esta profissão e relatam a sua importância para a comunidade, expressando o desejo de que o ofício continue a ser passado para a nova geração dentro dos moldes tradicionais:

Dona Lua: [...] às vezes até uma briga, até um movimento que se acontece entre um casal, a parteira chega e: “não compadre, o que é isso? vamos conversar, vamos resolver essa situação” e acaba a parteira se tornando grande influente nesta parte, e tudo será resolvido, lá vem Comadre, o pessoal já esconde logo a faca, o facão e já fica tudo na paz.

Dona Sol: [...] a gente parteira vai aos extremos, a gente tanto está no nascer como a gente está também do lado daquela família que também tem alguém que vai fazer a passagem [...].

Dona Lua: A minha história, o meu princípio é como Parteira Tradicional e gostaria que a gente tivesse oportunidade de passar, de ter outras parteiras na tradição.

Nas últimas décadas, temas associados à gestação, parto e puerpério despertam crescente interesse acadêmico de pesquisadores do campo das ciências sociais e da saúde coletiva no Brasil. Provocado pela discussão acerca da humanização do parto, trata-se de questões como violência obstétrica e anulação da autonomia da mulher no processo de parturição, ressignificação do conceito de saúde, direitos sexuais e reprodutivos das mulheres, doulas e novas culturas do nascimento (Cardoso; Nascimento, 2019).

Neste ínterim, cresceu também o interesse no estudo pelas parteiras tradicionais em nosso país. De maneira geral os estudos focam no papel que as parteiras exercem na prestação de cuidados em regiões onde os profissionais da saúde não estão presentes ou se recusam a ir e no interesse pelas técnicas, saberes, sistemas de valores, cosmologia e ritos compartilhados pelas mulheres que se autoidentificam e são reconhecidas nas comunidades em que atuam como parteiras tradicionais (Cardoso; Nascimento, 2019).

A assistência à parturição modificou-se, entretanto, ainda se constitui como um rito de passagem para mulheres e suas famílias. “Parteira tradicional” é aquela que presta assistência ao parto domiciliar baseada em saberes e práticas tradicionais e reconhecida pela comunidade como tal (Brasil, 2010). Também chamadas de “aparadeiras”, “comadres”, “cachimbeiras”, ou “parteiras leigas”, são mulheres dotadas de saber popular e que se utilizam de conhecimentos adquiridos sobre a parturição baseados na oralidade entre as gerações e com outras mais experientes, sem ensino formal reconhecido (Gomes *et al.*; 2021).

Nos discursos apresentados pelas participantes da pesquisa, destaca-se o início precoce das mesmas no ofício de Parteiras quando ainda muito novas, passada sempre por mulheres mais velhas que exerciam o trabalho na comunidade, dentre os aprendizados destaca-se a passagem de rezas e rituais específicos para cada momento, o que se constitui de uma base formativa que envolve muitas dimensões, inclusive a espiritual.

Estudos apontam que as Parteiras tinham o conhecimento do ofício adquirido com a experiência dos seus próprios partos e com a prática de acompanhar outras parteiras, suas mães, irmãs e demais familiares. Assim, quando uma mulher entrava em trabalho de parto, eram chamadas para ajudar. As parteiras eram práticas, intuitivas e, muitas delas, utilizavam a religiosidade para alcançar um parto seguro. Os cuidados com o corpo feminino no pós-

parto e com o recém-nascido também eram de responsabilidade dessas mulheres. O processo de parturição era considerado natural e fisiológico (Carregal et al;2020).

A maioria dos partos realizados no país ocorre em hospitais; no entanto, ainda há um expressivo número de partos ocorridos em outros cenários. Sabe-se que “[...] nas zonas rurais, ribeirinhas e lugares de difícil acesso são as parteiras que prestam assistência às mulheres e crianças”. No Amazonas, dados sobre nascimento apontam que, em 2016, 63,04% dos partos foram normais, sendo que 57,23% deles foram hospitalares e 6,17% ocorreram em domicílio. Em 2008, no mesmo estado, a área técnica de saúde da mulher, empreendeu o cadastramento das parteiras, destacando aquelas que residiam na zona rural e nas comunidades ribeirinhas. Foram cadastradas 1.180 parteiras nos 62 municípios do estado, incluindo parteiras indígenas, ribeirinhas, quilombolas e moradoras das cidades (Silva et al; 2020).

As vivências destas mulheres abarcam várias tensões de gênero, de classe e de formação, bem como uma pluralidade de outras denominações. No sentido genérico, remete à atuação de sujeitos, mulheres que assistem partos cujo reconhecimento é legitimado por sua comunidade (Silva, *et. al*; 2020).

ENCERRAMENTO DA OFICINA: PRODUÇÃO DE CARTAZ COLETIVO

Como dinâmica de encerramento da oficina, foi solicitado às participantes que produzissem um cartaz coletivo voltado para os cuidados voltados para a espiritualidade, cuidados esses utilizados com as mulheres atendidas durante o trabalho de parto, parto e pós-parto. Foi disponibilizado como material para realização desta dinâmica, cartolinas de papel em branco, canetas e lápis de colorir, revistas para recortes, tesouras e cola. As explanações acerca do cartaz produzido encontram-se descritas a seguir.

Foi produzido um cartaz único com o desenho do contorno das mãos das quatro participantes, seguido de suas assinaturas com o uso dos pseudônimos adotados, seguido de algumas figuras recortadas de revistas. Esses recortes que estavam distribuídos em toda a superfície da cartolina, mostravam mulheres de diferentes aparências, magras, gordas, altas, baixas, pretas, brancas, complementado com as seguintes frases escritas pelas mesmas: “Mãos sagradas”, “Não escolhi, fui escolhida!” e “Mãos que cuidam”. A análise feita a partir do cartaz produzido

nos mostra o reconhecimento das mesmas sobre importância de suas mãos para os cuidados prestados em suas assistências, bem como a presença de uma interferência acima das mesmas para que exercessem o ofício de Parteiras como um dom divino:

Dona Lua: O símbolo da parteira são as mãos, justamente aqui tem as mãos de Sol, a mão de Flor, a mão de Coração e a mão de Lua (Risos).

Dona Sol: [...] nossa força ela está nas mãos porque é nas mãos que a gente sente, que a gente pega, que a gente troca de energia, então por isso que a gente colocou as nossas mãos [...].

Por fim foi acrescentada ao cartaz uma figura recortada de uma revista com o desenho de um profissional da saúde com roupas e equipamentos hospitalares recebendo um abraço de uma espécie de estrutura de uma casa com um coração no meio com os seguintes dizeres: A gente cuida de você, você cuida da gente!. Quando questionadas a respeito da escolha por essa figura, as mesmas relatam:

Dona Flor: Aí realmente está representando a chegada da paciente, a parteira receber com flor né, com alegria, com felicidade para elas para que ela se sinta bem naquele ambiente que ela vai ficar sendo acompanhada pela parteira

Dona Coração: A gente cuida delas e depois só um abraço elas já estão cuidando da gente e da nossa mente, que é muito importante um abraço e um obrigada e Deus te abençoe, isso é muito importante quando elas falam.

Quanto aos cuidados pós-parto, as participantes demonstram a gratidão em receber em suas mãos mais uma criança e relatam a atenção especial referente ao aleitamento materno, cuidados com o recém-nascido e o plantio da placenta e coto umbilical conforme aprendido com as mais velhas dentro da tradição

Dona Sol: [...] quando a gente pega a criança, eu já agradeço: “Obrigada senhor por esse ser, que seja uma pessoa de luz!”, então é exatamente nesse momento que a gente tá fazendo essa troca de energia e de apresentar aquela criança assim para o nosso ser superior [...].

Dona Lua: [...] eu acompanho até o 7º dia para ver como é que está o cordão umbilical né? o umbigo né, onde foi cortado o cordão umbilical, se tá bem cuidadinho, se está sequinho [...]

Dona Coração: [...] o meu cuidado depois do parto é procurar saber como essa mulher está, como essa criança está, se está sendo alimentada, se a mãe está amamentando [...]

Dona Lua: [...] a gente vai, manda um esposo cavar um buraco e a gente enterra a placenta e faz aquele ritual ali e também a mesma coisa o umbigo, pede para a mãe já ter conseguido uma vasilha com terra que ela possa plantar uma flor ali, ela colocar uma coisa natural, nada artificial, uma sementinha para aquela sementinha brotar ali [...].

CONSIDERAÇÕES

Conforme apontado em suas falas nos resultados descritos no último tópico, a Parteiras relatam a difícil relação entre o saber científico em e os conhecimentos tradicionais, ilustrada pelas várias tentativas de retirá-las da cena do parto por justificativas de falta de conhecimento técnico científico para conduzir o trabalho de parto, parto e puerpério, o que levou muitas delas à buscarem também uma formação acadêmica além de seus conhecimentos tradicionais em cursos técnicos e graduações da área da saúde.

A visão que a maior parte dos brasileiros têm sobre as parteiras é que o seu serviço é uma alternativa inferior às práticas da medicina moderna e que somente as mulheres grávidas residentes em lugares longínquos são assistidas por elas. Ressalta-se que essa é uma percepção arraigada na ideia da supremacia do saber científico em relação ao saber popular, pois, na história da assistência ao parto, possivelmente não existe profissional com tamanha importância e representatividade tal qual a parteira tradicional: a sua atuação é tão antiga quanto à própria humanidade.

Com a institucionalização do parto houve o distanciamento da família do processo de nascimento, uma vez que, a estrutura física, bem como as praxes hospitalares não foram projetadas para assistir as parturientes, mas para a conveniência técnica dos profissionais de saúde. Dessa forma, muitas das mulheres passaram a permanecer internadas em quartos coletivos, enfermarias em hospitais públicos, sem qualquer privacidade, tornaram-se sujeitos passivos diante das regras dos médicos e enfermeiros, sendo privadas da presença de uma pessoa de sua confiança para apoiá-las.

Tendo em vista que toda gestante é um ser biopsicossocial, que sofre as influências socioculturais de seu meio, principalmente no que diz respeito ao ritual do nascimento, que vem cercado de simbologia, o desafio consiste em produzir encontros de saberes, adotando diferentes formas de atenção à gestação, ao parto e ao recém-nascido, dentre as quais o parto atendido por parteira à mulher com suporte dos serviços de saúde, fortalecendo a troca de experiências e contribuindo para um cuidado integral (Gusman *et al*; 2015).

O parto é uma construção social, sujeita à influência dos diferentes aspectos da cultura em que ele ocorre, além de um processo fisiológico, com fator psicológico bastante

acentuado, envolvido em um contexto impregnado de crenças, costumes e simbologias, pode agregar ainda um caráter espiritual.

Destaca-se, diante dos resultados desta pesquisa, a importância das parteiras para as comunidades nas quais estão inseridas, uma vez que suas funções são múltiplas, além da relação com o parto, como conselheira, comadre e como um importante apoio religioso. Não obstante os entraves colocados, reitera-se que as parteiras tradicionais continuam atuando e resistindo, organizadas em grupos ou associações em diversos estados brasileiros.

REFERÊNCIAS

BARROS, L.S.S. “**Não é toda mulher que quer ser parteira não!**”: O ensino da aprendiz de parteira como tradição e identidade da parteira indígena Pankararu. 2019. 208 f. Dissertação (Programa de Pós-Graduação Associado em Educação, Culturas e Identidades) - Universidade Federal Rural de Pernambuco, Recife. Disponível em: <http://www.tede2.ufrpe.br:8080/tede2/bitstream/tede2/8265/2/Lilian%20Silva%20Sampaio%20de%20Barros.pdf> . Acesso em: 13 mar. 2023.

CARDOSO, M. A. S., NASCIMENTO RO dom e a dádiva entre parteiras do Amapá: uma abordagem etnográfica. **Saúde e Sociedade**, v. 28, n. 1, p. 235–49, 2019. doi: 10.1590/s0104-12902019170010.

CARREGAL F. A. S. SCHRECK, R. S. C.; SANTOS, F. B. O.; PERES, M. A. A.. Resgate histórico dos avanços da Enfermagem Obstétrica brasileira. **História da Enfermagem – Revista Eletrônica**, v. 11, n. 2, p. 23-32, 2020.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES, S.C.; BRITO, N. S.; SILVA, N. É. F.; CAVALCANTE, E. G. R.; PINTO, A. G. A.; QUIRINO, G. S.. “Cuidados domiciliares de parteiras tradicionais na assistência ao parto”. **Revista Enfermagem UERJ**, 29:e53642. doi: 10.12957/reuerj.2021.53642.

GUSMAN, C. R.; VIANA, A. P. A. L.; MIRANDA, M. A. B.; PEDROSA, M. V.; VILLELA, W. V.. Inclusão de parteiras tradicionais no Sistema Único de Saúde no Brasil: reflexão sobre desafios. **Rev. panam. salud pública**, v. 37, n. 4/5, p. 365-370, 2015.

LIMA, C. M. PAVOSKI, J.; SILVESTRE, G. C. S. B.; NASCIMENTO, G. N. X.; MAGALHANES, D. S. S.; FERRO, R. B. C.. Modelo de assistência ao parto normal: atuação das parteiras no Brasil. **Enfermagem Brasil**, v. 20, n. 1, p.109–23, 2021. doi: 10.33233/eb.v20i1.4450.

MINAYO, M. C. S. **O desafio do conhecimento: pesquisa qualitativa em Saúde**. 12 ed. São Paulo: Hucitec; 2010.

MÜLLER, E.; MORIM, J.. **Mães de umbigo**. Recife. Bebinho Salgado. 2017.

HumanÆ. Questões controversas do mundo contemporâneo, v. 18, n. 2 (2024). ISSN: 1517-7602

OLIVEIRA R.S.; PARALTA, N.; SOUSA, M. J. S.. As parteiras tradicionais e a medicalização do parto na região rural do Amazonas. **Sexualidad, Salud y Sociedad**, v. 33, p. 79–100, 2018. doi: 10.1590/1984-6487.sess.2019.33.05.a.

PALHARINI L.A.; FIGUEIRÔA S. F. M.; 2018. “Gênero, história e medicalização do parto: a exposição ‘Mulheres e práticas de saúde’”. **História, Ciências, Saúde-Manguinhos** 25(4):1039–61. doi: 10.1590/s0104-59702018000500008.

SOUZA, L. K.. Recomendações para a Realização de Grupos Focais na Pesquisa Qualitativa. **PSI UNISC**, v. 4, n. 1, p. 52-66, 4 jan. 2020.

SILVA, S. C.; DIAS-SCOPEL, R.; SCHWEICKARDT, J.. “Gestação e parto em uma comunidade rural amazônica: reflexões sobre o papel da parteira tradicional”. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação** 24:e190030. doi: 10.1590/interface.19003.

THIOLLENT M.. **Metodologia da pesquisa-ação**. 9 ed. São Paulo: Cortez; 1986